





LINDOLF BELL

CRÍTICA DE ARTE EM
SANTA CATARINA

DAIANA SCHVARTZ
ORGANIZAÇÃO

© 2020. Todos os direitos reservados para Daiana Schwartz. A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

Fotos da Capa: Acervo de Rafaela Hering Bell (capa) e Pedro Roberto Hering Bell (contracapa)

Revisão ortográfica e gramatical: Joseana Stringini da Rosa

Projeto Gráfico e Editoração: Aline Assumpção

Conselho editorial:

Fernando Vojniak

Gabi Bresola

Gustavo Matte

Janaína Corá

Ricardo Machado

Coordenação editorial:

Fernando Boppré

Todos os textos foram extraídos de edições do Jornal de Santa Catarina (Blumenau), publicadas entre 1972 e 1995.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindolf Bell : crítica de arte em Santa Catarina /
organização Daiana Schwartz. -- 1. ed. --
Chapecó, SC : Humana Editora, 2020. --
(Desarquivos ; 1)

ISBN 978-65-992233-0-3

1. História da arte 2. Artes visuais -
Exposições - Catálogos 3. Bell, Lindolf, 1938-1998
4. Bell, Lindolf, 1938- - Crítica e interpretação
5. Escritores brasileiros - Biografia - Santa
Catarina 6. Críticos de arte - Biografia
I. Schwartz, Daiana. II. Série.

20-43514

CDD-928.62

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores como críticos de arte : Biografia
928.62

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Editora Humana

2020

DAIANA SCHVARTZ

ORGANIZAÇÃO

LINDOLF BELL

CRÍTICA DE ARTE EM
SANTA CATARINA

1ª EDIÇÃO

EDITORA HUMANA
CHAPECÓ
2020

Fixar o espaço, fixar o tempo.
Retirar do mundo vivo
o material perecível,
transformando-o em arquivo,
mas arquivo vivo, arquivado.

Lindolf Bell, 1972

SUMÁRIO

Lindolf Bell, o poeta das artes plásticas.....	11
Para ler este livro	21
AÇU-AÇU-AÇU-AÇU	22
Manifesto Barriga Verde	25
1972 -1979	27
1980 -1989	163
1990 -1995	449
Índice de Textos.....	473
Índice de Imagens	487
Índice Onomástico	491



LINDOLF BELL,

O POETA DAS ARTES PLÁSTICAS¹

No dia 16 de janeiro de 1970, Lindolf Bell, em seu texto, afirmava: “A Galeria Açu-Açu nasceu porque acreditamos em nossa gente (artistas e consumidores de arte)”². Esta frase assinala a estreia na esfera pública do *marchand*, o crítico de arte, o curador e o agitador cultural. Somados a ele, Elke Hering, Arminda e Péricles Prade inauguraram a primeira galeria de arte de Santa Catarina, no centro da cidade de Blumenau.

Mesmo que tenha se dedicado durante 28 anos à Galeria Açu-Açu, e que esta atividade o implicava em diversas funções – organizar exposições e leilões, orientar e promover artistas, exercer a atividade de marchand, escrever em jornais, dar entrevistas e levantar o debate sobre o papel das instituições públicas com as artes – a memória que celebra seu nome relega seu vínculo com as artes visuais um papel coadjuvante.

Sua trajetória como poeta inicia com seu deslocamento, de Timbó (SC) sua cidade natal, se efetivando principalmente quando vai para São Paulo em 1962. No período, Bell foi atuante por alguns anos no meio literário paulista, promoveu uma exposição de poemas murais, a catequese poética³ e cursou dramaturgia na Escola de Artes Dramáticas em 1967. E em 1968, participou durante oito meses do *International Writing Programm* em Iowa nos Estados Unidos. Seu primeiro livro foi lançado em 1962, *Os póstumos e as profecias* e os últimos em 1994 *Pré-textos para um fio de esperança* e *Requiem*. Ao todo, publicou 16 obras, grande parte delas no início de sua atividade literária durante a década de 1960. As narrativas biográficas produzidas sobre ele são

1 Lindolf Bell usava “artes plásticas”, termo que principalmente a partir do final do século XX entrou em desuso sendo substituído por “artes visuais”. Por isso, no título desta apresentação optei por “artes plásticas” e ao longo do meu texto “artes visuais”.

2 BELL, Lindolf; PRADE, Péricles. Açu-Açu-Açu-Açu. *A Cidade*, Blumenau, 17 jan. 1970.

3 Iniciado por Bell em 1964 na cidade de São Paulo, a Catequese Poética foi um movimento de divulgação da poesia em espaço público através de apresentações, declamações, conferências e debates.

constituídas, preponderantemente, pela sua atuação como poeta.⁴ No início da década de 1960, escreveu para jornais e revistas catarinenses.

Apesar de ter publicado mais de 360 textos durante mais de vinte anos no *Jornal de Santa Catarina*⁵, este volume de material que Bell produziu para as artes visuais no estado, as publicações que relacionam ele às artes visuais são ínfimas, para não dizer nulas. Nesse sentido, a organização deste livro pretende trazer à luz, para a história da arte catarinense, a visibilidade ao relevante papel que Lindolf Bell teve para as artes visuais do Estado. Portanto, o arquivo assumirá a condição de protagonista desta história, vivo e operante, já que o arquivo remete ao presente e ao porvir, ao “arquivivido” como o próprio Lindolf Bell expressou em seu poema (epígrafe deste livro). Com o arquivo, os inúmeros textos publicados por ele e que estavam arquivados em meio a todas as outras matérias de um jornal diário, foi possível destacá-lo para torná-lo hoje um “arquivo vivo”.

Ao longo da sua vida, Lindolf Bell investiu na palavra, seja através da poesia escrita ou de declamações, mas era a galeria que provinha seu sustento econômico⁶. Por isso, parece urgente trazer à superfície o Lindolf Bell das artes plásticas que ficou submerso pelas sucessivas camadas da memória. Neste sentido, a pergunta que cabe a ser feita é como o poeta tornou-se galerista?

A própria história da galeria e seus antecedentes conta um pouco da aproximação de Lindolf Bell com as artes visuais. Uma evidente aproximação se deu a partir do encontro com a artista Elke Hering, que pode ser lido como o encontro do casamento das artes visuais com a poesia. Foi com Elke Hering, artista com formação em escultura, que Lindolf Bell experimentou a poesia no espaço tridimensional. As primeiras experiências do casal foram na participação de Lindolf Bell no *Internacional Writting Programm* em Iowa. Todos os materiais visuais, os pôsteres e objetos infláveis, foram criados por Elke Hering. Apresentaram junto com Edgar Grana e George Vaklef um

4 Em 2003, foi inaugurado o museu Casa do Poeta e Centro de Memória Lindolf Bell na antiga residência familiar em Timbó. Assim como o próprio nome do museu, há um grande investimento em sua memória como poeta na imprensa, nas antologias póstumas e nas pesquisas acadêmicas. Foram publicados dois livros: *Lindolf Bell e a Catequese Poética* (1978) de Maria J. Tonkzak e *Quixote Catarinense* (2005) de Helen Francine e a dissertação *Imagens Poéticas do Tempo e Memória em Lindolf Bell* (2009) de Rosana Salete Piccininn.

5 O *Jornal de Santa Catarina* foi criado na cidade de Blumenau em 22 de setembro de 1971 com circulação estadual.

6 FRANCINE, Helen. *Quixote catarinense: onde se conta sobre a trajetória e algumas batalhas do poeta catarinense Lindolf Bell*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

trabalho de multilinguagens chamado de Experiência Poética, em junho de 1969. A apresentação organizada em um espaço cênico durou cerca de 30 minutos com leitura de poesias, luz, música, dança e objetos visuais. Na ocasião da apresentação, foi distribuído o texto *A Poetic Experiment*, de autoria de Lindolf Bell. Ao longo de suas oito páginas, o texto vinculado à apresentação discute algumas falhas comunicativas entre a poesia e o público, ao mesmo tempo que propõe alternativas espaciais para o poema. Desse modo, ao ver o local de acesso à poesia limitador, acredita no “[...] seu deslocamento para o mundo externo [...]”⁷. De maneira clara, cita as experiências dadaístas, surrealistas e concretistas e defende: “os cartazes e objetos usados nesta experiência foram considerados os instrumentos mais eficientes da comunicação dos poemas”.

No retorno ao Brasil, Lindolf Bell seguiu incorporando o poema aos objetos, participou da primeira Pré-Bienal de São Paulo em 1970 – importante evento das artes visuais – com três poemas-objetos em madeira compensada: *Man, Coração do Mundo e Temoral*. A matéria “Arte Brasileira em Pré-Bienal” do *Jornal do Brasil* atribui ao casal um destes trabalhos expostos na Pré-Bienal, destacando a integração entre a poesia e as artes visuais.⁸ No seu livro *Incorporação*, publicado em 1974, há imagens dos objetos-poemas e no Centro de Memória Lindolf Bell existe o desenho dos projetos de ao menos três deles. Esses trabalhos dialogam com os primeiros experimentos dos poetas concretistas brasileiros na aproximação com as artes visuais do final da década de 1950. Foi no campo da escultura que a arte concreta encontrou o terreno mais propício para o seu desenvolvimento.⁹ Para Ferreira Gullar, a poesia neoconcreta “[...] permitiria criar o poema como forma visual e ao mesmo tempo possibilitaria a participação mais efetiva do leitor na formação dele [...]” e os poemas espaciais “[...] ganharam várias formas: placa branca com um cubo azul, móvel, ocultando uma palavra; placa branca com uma pirâmide laranja, móvel, sob a qual havia uma palavra etc.”¹⁰ Estas experimentações de Elke Hering e Lindolf Bell se relacionam principalmente com os poemas espaciais pela incorporação da palavra no suporte tridimensional. Depois deste

7 BELL, Lindolf. Inventário de uma experiência poética. p. 3. Centro de Memória Lindolf Bell.

8 ARTE Brasileira em Pré-Bienal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12, set. 1970.

9 GULLAR, Ferreira. O novo espaço. In: AMARAL, Aracy A (Org). **Projeto construtivo brasileiro na arte: 1950-1962**. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna; São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1977.

10 GULLAR, Ferreira. A poesia neoconcreta. In: AMARAL, Aracy A (Org). **Projeto construtivo brasileiro na arte: 1950-1962**. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna; São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1977.

período, não há indícios da continuação dos objetos-poemas na trajetória do poeta.

O casal retornou ao Brasil em 1969, seis meses antes da abertura da Galeria Açu-Açu. Assim que chegaram em Santa Catarina, inauguraram uma exposição com obras de Elke Hering integrada ao lançamento e recital de Lindolf Bell, no Salão de Arte RDM em Florianópolis. No material impresso¹¹ exclusivo para os dois artistas, destacam-se na capa os nomes deles, dentro: uma foto de Bell com sua biografia, uma foto de Elke Hering com sua biografia, a relação de obras da artista seguido de um texto de Péricles Prade. No mês seguinte, ambos apresentaram seus trabalhos em Blumenau na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Os arquivos mostram alguns vínculos artísticos já iniciados entre Bell, Prade e Elke Hering nos anos que precedem a abertura da galeria. Apesar dos nomes Lindolf Bell e Péricles Prade estarem com maior frequência nas notícias sobre o início da Açu-Açu, Elke Hering era a única com trajetória nas artes visuais, e sua origem familiar pertencente a elite industrial era uma porta de entrada ideal para estabelecer relações econômicas e culturais para uma galeria de arte. Até hoje, poucos sabem de sua atuação como articuladora cultural em Blumenau na década de 1960, seu protagonismo em trazer à Blumenau importantes atividades na área das artes visuais permite entender o caminho percorrido até a abertura da Galeria Açu-Açu.

O 1º Salão Pró Arte Nova de Blumenau, realizado em outubro de 1965 nas dependências da biblioteca municipal, teve como principal organizadora Elke Hering. O Salão integrava a programação paralela da Feira de Amostras de Santa Catarina (FAMOSC), organizada pelo município. Os primeiros indícios que envolvem os nomes de Elke Hering, Lindolf Bell e Péricles Prade na esfera cultural foram na participação desse evento. Em carta para Elke Hering no mês da inauguração, Bell menciona estar respondendo à artista se referindo ao lançamento de seu livro *Convocação*. Nela, Bell sugere que a FAMOSC faça cartazes para divulgação e pede intermediação dela para a compra da passagem de São Paulo a Blumenau. Já Péricles Prade estaria entre os jurados do Salão, júri formado também por nomes de referência para a arte nacional como Walter Zanini (Diretor do Museu de Arte Contemporânea - MAC USP), e o crítico Pedro Manuel Gismondi. Nos dias que antecederam a abertura do

11 Acervo do Arquivo do Museu de Arte de Santa Catarina.

Salão Pró Arte Nova de Blumenau, Walter Zanini e Pedro Manuel Gismondi realizaram conferência sobre arte moderna na Associação Comercial e Industrial de Blumenau. As articulações foram estendidas a Florianópolis, onde realizaram palestra no MAMF (Museu de Arte Moderna de Florianópolis¹²). Sua articulação com Walter Zanini não parou por aí. Ela enviou para o diretor do MAC, em dezembro de 1965, uma carta manifestando interesse em receber a exposição da Jovem Gravura Nacional, no início de 1966. Oito dias depois, Walter Zanini responde a carta de Elke Hering e confirma que dentro em breve a exposição se realizaria em Blumenau. A exposição Jovem Gravura Nacional foi inaugurada no dia 25 de fevereiro de 1966 no mesmo local do Salão Pró Arte Nova.

No arquivo pessoal de Elke Hering, há um boletim do MAC que descreve a “Situação Artística” em Santa Catarina e afirma que por consequência do Salão “a florescente Blumenau está em vias de construir seu museu de arte” e que “para este certame existe um fundo de aquisição criado com a cooperação de autoridades e de industriais interessados no desenvolvimento artístico da cidade”.¹³ Outro documento, que constata a atuação da artista no cenário artístico de sua cidade, é a carta de Umberto Peregrino, diretor do Instituto Nacional do Livro, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, endereçada à Elke Hering em 1967. Peregrino explica ter conversado com Oku Martins Pereira (Secretário em Ciências Humanas do Conselho Federal de Cultura), no congresso de museus em Salvador, em dezembro de 1963 (mesmo semestre em que Elke Hering morava em Salvador), e diz: “Fui informado que a senhorita estaria desejosa de obter auxílio técnico e orientação do Ministério da Educação e Cultura, com o objetivo de criar uma Fundação Cultural em Blumenau. Pelo que pude apurar, na oportunidade, a fundação teria como base uma grande construção em meio a um terreno, de propriedade do senhor seu avô”.¹⁴ Ou seja, já em 1963, Elke Hering manifestava a vontade de criar um espaço cultural na cidade. É muito provável que o mesmo interesse dos empresários pelo desenvolvimento artístico da cidade, citado no boletim do MAC, seja da articulação da então jovem artista. O recém nomeado diretor, na carta, demonstra interesse pelo assunto porque estava sendo criado um plano

12 Antigo nome dados ao Museu de Arte de Santa Catarina - MASC.

13 Boletim de Informações do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. São Paulo, 14 out. 1965. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

14 PEREGRINO, U. [carta] 23 mai. 1967, Rio de Janeiro [para] HERING, E., Blumenau. 1f. Sobre o interesse em receber uma Unidade Cultural em Blumenau. Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva.

de trabalho para a construção de “Unidades Culturais” pelo país. Segundo Peregrino, Blumenau estaria entre as cidades contempladas, mas esse projeto não avançou.¹⁵ O anseio de criar em Blumenau equipamentos culturais na esfera pública aparecerá frequentemente nos textos de Lindolf Bell. Sua atividade como galerista independente não o eximiu de chamar a atenção das autoridades públicas para a criação destes espaços. Com frequência, na década de 1980 usa de sua coluna para questionar “quando Blumenau terá um Museu de Arte?”, advertindo “falta-nos um Museu de Artes, com urgência. No momento, as galerias de arte desempenham este papel, às vezes com caridade e deficiência”.¹⁶

Esse breve levantamento de interações entre os três fundadores da Açu-Açu é importante para entendermos de onde eles vieram.¹⁷ Assim como Bell, Péricles Prade, que era seu amigo desde a juventude em Timbó, também fazia parte do mundo literário, com publicações desde a década de 1960. Prade se refere à abertura da Açu-Açu como uma atividade ligada à poesia.¹⁸ Principalmente nos momentos de celebrar a abertura dos eventos, a literatura marcava sua presença com lançamento de livros e declamações de poesia. Mas as atribuições de uma galeria de arte, naturalmente se encaminhara no foco às artes visuais. Logo depois da abertura da galeria, Péricles Prade assumiu seu cargo de juiz federal em Santa Catarina e no ano seguinte se deslocou para São Paulo. Elke Hering se dedicava à carreira artística, participando de importantes exposições do circuito nacional. Ficou com Lindolf Bell o compromisso de dar continuidade ao projeto inicial, que o acompanhou até a sua morte.

No dia seguinte à abertura da galeria, Lindolf Bell e Péricles Prade assinam o texto inaugural da Açu-Açu no jornal local *A Cidade*¹⁹. No texto expressam os anseios que acompanharam Lindolf Bell em sua jornada com as artes plásticas. Logo no início do texto, eles chamam a atenção para a inexistência de galerias de arte no Estado, afirmando que, “em verdade, quase ninguém sabe. Sabe-se, isto sim, que é muito difícil amar o que se desconhece. E nós (catarinenses) pecamos por desconhecimento de nossas próprias possibilidades”. Neste sentido, destacam o nome de artistas plásticos e poetas catarinenses atuantes,

15 A criação de um museu de arte em Blumenau somente se efetivou em 2004, antes disso em 1972 foi criada a Fundação Casa Doutor Blumenau que em 1995 se efetivaria como Fundação Cultural de Blumenau.

16 BELL, Lindolf. Blumenau indagação da cultura. Jornal de Santa Catarina, Blumenau, 01 fev. 1981.

17 Arminda Prade não aparece em nenhum dos documentos que pesquisei, por este motivo não dissertei sobre ela.

18 FRANCINE., op. cit., p. 74.

19 BELL, Lindolf; PRADE, Péricles. Açu-Açu-Açu-Açu. *A Cidade*, Blumenau, 17 jan.1970.

e que muitos deles já eram reconhecidos fora do estado. Ressalto os momentos do texto nos quais eles expressam, com maior ênfase, a urgência em dinamizar a cena artística catarinense no intuito de inseri-la no circuito nacional.

Nós somos tímidos por tradição (ou tradução). Falamos baixo por tradição. Nos fechamos por tradição. Pergunta-se: por que não fazer de nossa cultura uma coordenada na cultura nacional? O que valem, afinal, os breves espasmos de glória individuais nas grandes capitais, se não significarmos uma dinâmica da contribuição à cultura brasileira?

Os grandes artistas e os grandes movimentos vêm até Curitiba e vão a Porto Alegre (e nós? nós quebramos nozes e cabeças, surpresos, ainda por tradição). É preciso lutar para que Santa Catarina seja incluída não apenas, nos roteiros turísticos. Nós merecemos também, os culturais, porque estamos à altura de receber e contribuir em qualquer setor da cultura brasileira.

Para seus fundadores, a Galeria Açu-Açu não seria somente um local de comércio de obras de arte, mas também uma importante intermediária de divulgação e circulação das atividades culturais que extrapolavam o espaço físico da galeria. O grupo da Açu-Açu faz uso da estratégia moderna de lançar um manifesto para marcar uma ruptura em relação à historicidade de seu estado, lançando no mesmo ano o “Manifesto Barriga-Verde”²⁰.

Os manifestos artísticos são próprios dos movimentos de vanguarda da primeira metade do século XX, neles colocam-se a público seus princípios e intenções. O texto faz referência direta ao modernismo brasileiro pelas palavras que remetem à antropofagia, celebrando mais uma vez o casamento da poesia com as artes visuais. Há muito do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade no Manifesto Barriga-Verde. Do *Tupi, or not tupi that is the question*, o nome Açu-Açu foi tomado de empréstimo do último nome em tupi do Itajaí-Açu, rio que tem seu curso iniciado no Alto Vale, percorre o centro de Blumenau e deságua nas praias de Itajaí. Uma antropofagia demarcada pela geografia Barriga-Verde, “antropofagia verde-carijó derramada nos campos de Ibirama, nas colinas do Vale do Itajaí, em águas do mar de Desterro e coloniais arquiteturas de São Francisco da Baía de Babitonga”. Antropofagia do interior, da colônia, “contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo”, “movimento verde dos ventos em nossos cabelos e nossas salivas e suores e saúvas e nossos mandiocais”. “Antropofagia moída nas moendas, nas viagens para dentro da imaginação, esperança carpinada pelas enxadas, olhada pelos olhos postos na esperança”. Antropofagia da comilança, da deglutição

20 BELL, Lindolf. Manifesto barriga-verde. *Revista de Cultura Vozes*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 736-737, nov. 1970.

“BARRIGA-VERDE! Engolimos a esperança e ainda estamos aprendendo a digeri-la. Depois de tantos anos. Depois de tanta esperança”. “É a antropofagia da verdeia após o tempo esplêndido do sono após a longa refeição da história”. “Depois de tantos anos é a antropofagia catarinense aprendendo a não ter medo nem vergonha de ser barriga-verde”.

Os textos inaugurais que motivaram a abertura da Galeria Açu-Açu são também os que abrem este livro-arquivo, que reúne grande parte da escrita de Lindolf Bell sobre as artes visuais em Santa Catarina. Durante o processo de pesquisa, o arquivo torna-se vivo, aquele lugar que só se transforma pelas perguntas de quem procura, “habitar significa deixar rastros” já escrevia o filósofo alemão Walter Benjamin. E os rastros de Lindolf Bell foram folheados dia a dia, mês a mês, ano a ano, durante 24 anos de textos e imagens que eram arquivo e que agora se des-arquiva. Esses rastros são “detalhes que parecem aleatórios, restos insignificantes que, à primeira vista, poderiam e deveriam ser jogados fora”.²¹ Poderiam estes rastros ainda estar à espera da pergunta que os fariam sair da escuridão, estavam eles guardados a mais de quatro décadas, para que hoje fossem acessados em seu conjunto dando um sentido histórico para a arte em Santa Catarina.

Todos os textos que estão neste livro foram publicados no Jornal de Santa Catarina, e pesquisados no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau. Bell também publicou muitos textos sobre literatura e outros assuntos relativos ao campo artístico, mas a maior parte de sua escrita foi dedicada às artes visuais. Muitas vezes em sua coluna, ele conciliava diferentes assuntos junto às artes visuais, ora artes cênicas, ora literatura, ora patrimônio histórico, ora música, e demais demandas que surgiam pontualmente sobre o mundo cultural. Houve mudanças no espaço do jornal dedicado à sua coluna, desde a ocupação de páginas inteiras a tamanhos com menos de um quinto da página. Infelizmente, os textos aqui transcritos não conseguem traduzir os layouts das diagramações, pois grande parte deles são acompanhados de imagens e a própria escolha das fontes e disposição destas informações no texto contribui para uma outra relação com a leitura. Podemos considerar que a escrita que tomei conhecimento é o resultado final de uma intensa sociabilidade cultural atravessada pela troca de cartas, ligações telefônicas, entrevistas, boletim de informações das instituições culturais, conversa com

²¹ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. TIEDEMANN, Rolf; BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (Org.). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2018.

artistas, portfólios, fotografias das obras, dos artistas, dos eventos e uma infinidade de processos que permitiram a elaboração de sua coluna.

Encontrei 358 textos que tratam sobre as artes visuais, todos estão neste livro e dispostos em ordem cronológica conforme sua data de publicação. Somente cinco²² textos não foram possíveis de serem transcritos, pois a maneira como foram encadernados subtraiu grande parte do texto. O primeiro texto que encontrei na sua coluna foi o de janeiro de 1972, quatro meses depois da fundação do jornal, e o último em novembro de 1995.²³ Há uma grande variedade de assuntos e abordagens, na imensa maioria se concentra nas atividades artísticas que possuem vínculos geográficos com Santa Catarina, ou pela residência fixa no estado ou pelo intercâmbio a partir dele. São citados os nomes de 378 artistas de Santa Catarina e de 34 cidades, com maior recorrência entre Blumenau, Florianópolis e Joinville. Além dos textos sobre artistas individuais residentes em Santa Catarina ou que expuseram pelo estado, aborda também sobre as exposições promovidas pela Galeria Açu-Açu, coletivas de artistas catarinenses em diversos espaços expositivos, iniciativas de espaços culturais por todo o estado, reflexões sobre a arte catarinense e divulgação dos leilões de arte promovidos pela galeria Açu-Açu que aconteceram em diversas cidades. Há textos críticos de sua autoria, entrevistas, traduções, publicação de textos de outros críticos e notícias sobre a agenda cultural. Bell aproveitava o espaço que ocupava no jornal para dar visibilidade à cena cultural, para isso também usava de uma linguagem jornalística, abusando das imagens, textos curtos e frases breves para uma comunicação mais direta. Passando por três décadas de escrita, foi na década de 1980 que produziu mais de 70% dos textos, seguido de 22% na década de 1970 e somente 5% na de 1990. Na última década seu nome aparece vinculado a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

Optei por fazer uma espécie de livro-arquivo, um livro de pesquisa, um livro que não termina em si, mas que anseia pela continuidade. Este livro pretende também ser um material de pesquisa para interessados na historiografia da

22 25.08.1974. 22 Artistas catarinenses em Curitiba; 1980.09.11. Chapecó pulmão vivo na cultura barriga verde III; 22.05.1983. Santa Catarina: Ilhas ou Pilhas? (VI); 05.06.1983. Santa Catarina: Ilhas ou pilhas? (IX); 09.10.1983. Ilustração: Helenos Helenos (Aterrorizados); 27.05.1984. Rubens Oestroem: Arte e desafio.

23 A pesquisa seguiu até maio de 1996, com a última publicação em novembro de 1995. Não foi possível dar continuidade a pesquisa até 1998, ano de morte de Lindolf Bell, por causa do fechamento dos espaços públicos devido a COVID-19.

arte em Santa Catarina, por este motivo, não excluí nenhum texto encontrado tampouco as legendas das imagens que os acompanham. Assim como a criação do índice onomástico, que facilitará na busca por nomes de artistas, críticos, galerias de arte e cidades de Santa Catarina. Somente uma edição fac-símile permitiria trazer junto ao texto, as imagens publicadas e toda a informação visual da diagramação. São raros os textos que não tenha uma imagem. Para transformá-lo em livro, tive que tomar algumas decisões e fazer alguns ajustes para uma padronização visual da leitura. As principais mudanças foram: a atualização ortográfica, as mudanças no formato das letras (muitas estavam em caixa alta e em negrito) e os símbolos entre as frases informativas (nesta versão substituí por ●). As imagens publicadas neste livro foram gentilmente cedidas pelos acervos do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, pelo Centro de Memória Lindolf Bell e pelos herdeiros Pedro Roberto Hering Bell e Rafaela Hering Bell.

Os textos de Bell retomam nomes de artistas esquecidos e conhecidos, de espaços ainda existentes, dos efêmeros, dos extintos, e dos debates sobre a cultura em Santa Catarina. Eles abrangem artistas e iniciativas culturais em todo o estado, não se limitando somente à cena blumenauense. De fato, esse imenso volume de textos que estão entre tantas outras páginas de publicações só terão sentido se retirados da inércia do arquivo. Este livro pretende justamente dar acesso a estes escritos sobre a arte catarinense, trazendo-os de volta à circulação, numa compilação panorâmica. A gênese que acompanhou o poeta das artes plásticas, usando de suas palavras, é de não mais pecar pelo desconhecimento das nossas próprias possibilidades. Essa era a mola propulsora de seu trabalho, todos os seus esforços se canalizavam para incentivar, mostrar e fazer circular a produção artística de Santa Catarina. Nas suas palavras, sua coluna defendia “[...] que a verdadeira antropofagia brasileira na cultura se fará quando estas produções regionais esquecidas forem incorporadas pela denominada arte oficial, essencialmente centrando sua ótica na produção das grandes capitais”.²⁴ Para que não possamos pecar, é preciso assumir um compromisso historiográfico, tornar o arquivo vivo, arquivivido. Arquivivê-lo.

DAIANA SCHVARTZ,
organizadora

24 BELL, Lindolf. Elvo Damo: prêmio Budapest. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 23 ago.1981.